

# Jornal do Campus

## O Dia do ÍNDIO

19 de abril. O branco vai pintar a cara e lembrar remotamente daquele povo de olhos puxados. E o índio? O índio vai continuar na angústia de ver tudo que é seu sendo tomado.

O que o índio vai comemorar se a própria Casa do Índio na Vila Mariana está em vias de despejar seus alojados? O que o índio vai comemorar se até agora só 10% das suas terras foram demarcadas? O que o índio vai comemorar se a Funai, que deveria protegê-lo, deixa os latifundiários invadir suas aldeias? O que o índio vai comemorar frente à invasão de

posseiros e garimpeiros levando o ouro e deixando a gripe, a malária, a miséria?

O que o índio vai comemorar se vê em seus irmãos a magreza da fome, a palidez das doenças, a sina da morte?

Antes, todos os dias eram igualmente do índio. Agora, nem num 19 de abril do Ano Internacional do Índio, há motivos para comemorações.

É hora de refletir e, mais ainda, exigir das autoridades (que se dizem competentes) ações concretas.

Se não, continuamos na mesma e triste situação:  
**NADA A COMEMORAR.**



Reprodução (foto Cynthia Brito)

# Nada a comemorar

*Tudo vem atrasado para os indígenas: desde a criação de um dia comemorativo à legalização de suas terras. Nesta página conheça um pouco dos legítimos brasileiros*

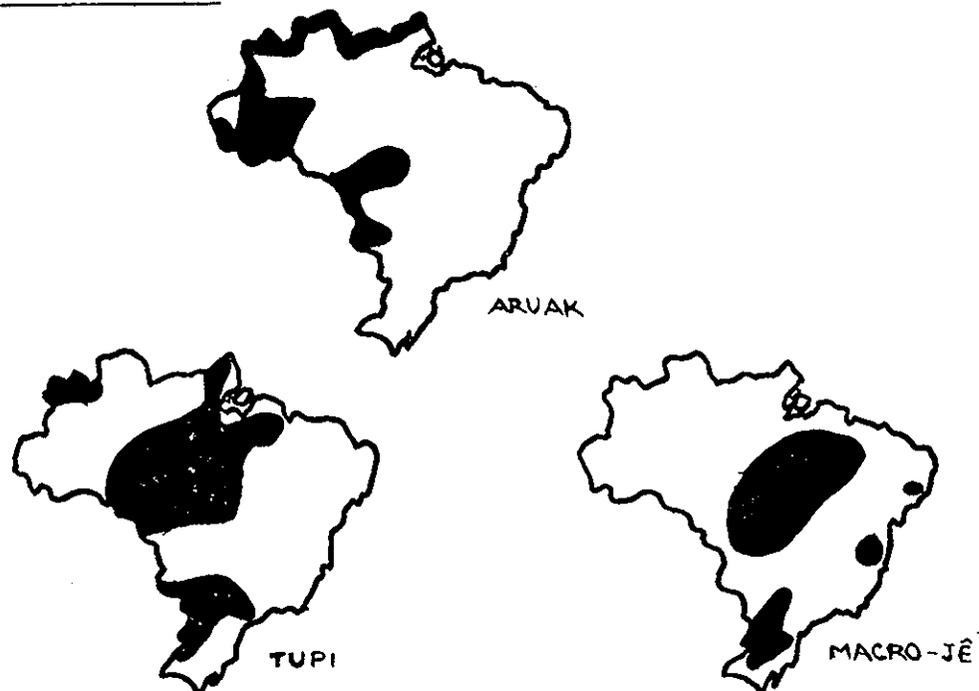
## Lembrança tardia de um povo

Foi no México, em abril de 1949, que os índios ganharam seu dia especial no calendário dos brancos. Durante o Encontro da Sociedade Internacional Indigenista, ficou instituído que 19 de abril seria o Dia do Índio.

Mais do que uma data de seminários, festas e homenagens, o Dia do Índio é uma chance de resgate para a discussão do problema da integração entre duas culturas antagônicas e, historicamente, rivais, na disputa pelo mesmo território. Há 500 anos os índios vêm perdendo suas terras originais. Hoje, enquanto as últimas aldeias vão sendo engolidas pelo progresso "civilizador" e futurista, nosso passado ainda tenta se esconder da completa extinção.

Ricardo Vasconcelos

## Grandes grupos indígenas do Brasil



São **180** povos indígenas

Os índios brasileiros falam **170** línguas diferentes

Cerca de **1/3** de suas terras estão sem providências

Apenas **10%** das áreas indígenas estão homologadas (regularizadas) pela Funai

## Tupi or not Tupi

Peteca, socar, pereba, cutucar. Entendeu tudo? Diretamente da língua Tupi, essas e outras palavras acomodaram-se em nossos dicionários. Foi por isso que, no começo do século, alguns pesquisadores passaram a aprender Tupi para entender melhor nosso idioma. Desde a fundação da Letras, o Tupi é lecionado na USP.

Mas quem sabe Tupi não se comunica com índio algum. É como saber um latim indígena. Essa língua surgiu do Tupinambá e é, na verdade, uma língua mameluca nascida e proliferada pelos filhos de índias com portugueses. O Tupi era falado na costa brasileira, mas foi proibido quando o Marquês de Pombal

expulsou os jesuítas em 1757. Mas não foi só o tupi que sofreu com a proibição. Todas as línguas indígenas estavam enquadradas na pena de Pombal.

Hoje o Brasil possui registro de mais de 180 línguas indígenas. Isso faz desse país o nono em números de línguas e dialetos. Há algumas faladas por até 20 mil pessoas - é o caso da Ticuna; outras faladas por apenas 5 índios, como a Koaiá - que deve "morrer" em breve. O prof. Waldemar Ferreira Neto, que leciona Tupi na Letras, visita tribos com seus alunos e tenta catalogar novos dialetos e línguas, antes que elas se percam.

Márcia Carini

**Nomes dos bairros têm herança indígena**

Vizinha da Mosca Verde, Morumbi, a USP fica entre a Terra Dura, Butantã e o Lugar Onde ficam as Onças, Jaguaré. Aqui a área é verde como no Madreira Velha, Ibirapuera e da Praça do Relógio dá para ver a Orquídea, Sumaré.

A Faculdade de Medicina fica lá para os lados do Arroio das Pacas, Pacaembu e as Arcadas do Direito estão próximas do Rio de Malefícios, Anhangabaú.

A herança dos índios nos nomes de bairros está por toda parte. A professora Maria Vicentina, que leciona Toponímia na Letras, explica que alguns nomes foram dados pelos índios a acidentes geográficos e mantidos pelos portugueses; outros eram adotados pelos colonizadores sem referência às propriedades naturais do lugar.

# Ser índio não é fácil

Maurício Vismona Gibrin

Quem ainda acredita que "todo dia é dia de índio" deve estar por fora da realidade brasileira. Realidade triste daquele que vive dia após dia tentando assegurar o direito de ter aquilo que já é seu. Mas o que quer o índio? Índio quer terra, índio quer sossego. Viver sossegadamente em sua terra.

Algumas coisas pareciam ter melhorado pela nova constituição de 1988, pois os direitos indígenas tomaram grande parte da atenção. Pela primeira vez reconhece aos índios o seu direito a diferença. "rompendo com a tradição assimilacionista que prevalecia nas constituições anteriores". A professora aposentada e antropóloga Lux Boelitz Vidal vive esta preocupação há 25 anos, acompanhando de perto a vida em diferentes aldeias e fazendo delas a continuação de sua própria família.

## Terra de Índio

Sem dúvida não se pode falar em índio sem falar em terra. A principal luta desse povo é pela demarcação de suas terras. Em 1973, o governo se comprometeu pelo Estatuto do índio, a demarcar todas as áreas indígenas no prazo de cinco anos. Até hoje, isso está longe de acontecer. Somente 10% dos índios vivem em terras legalmente asseguradas. Lux afirmou que "o governo demarca áreas não problemáticas e em relação às áreas que são invadidas e onde há grandes interesses, estaduais ou privados, as propostas ficam na gaveta, sem solução". Outra coisa que se deve frisar é que muitas áreas demarcadas são invadidas, pelas companhias madeireiras e garimpos, principalmente. "Atingindo as terras, a comunidade é atingida. Desorganiza a própria sociedade porque as madeireiras compram algumas lideranças".

A antropóloga explica que muitas vezes a situação nas tribos é precária. A falta de munição, barcos, que são caros, proporcionam o momento ideal para aliciar certos chefes da aldeia, que têm a responsabilidade de zelar por ela. Esta "troca" traz soluções imediatistas para a tribo, mas suas terras já estarão comprometidas. "Mas os índios estão percebendo que isso não é bom e estão pondo os invasores para fora, pois se

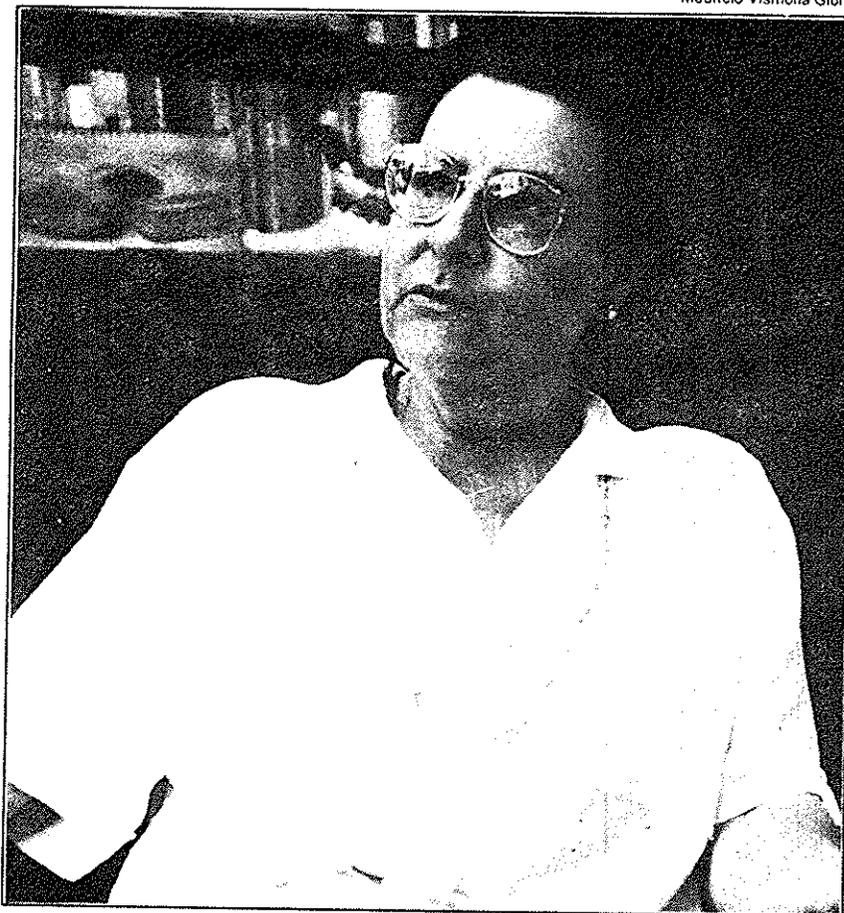
preocupam com seu futuro econômico", constata.

## Invasão e Governo

Como exemplo, as madeireiras podem ganhar 1000 dólares com uma tora e dão 30 para os índios, conseguindo então obter seu consentimento. Questionada se essa "aprovação" era realmente necessária, se as empresas não ignoravam a presença indígena, a antropóloga devolve: "Mas você acha que o índio é passivo? O índio não é passivo, ele bota pra fora mesmo. Agora, se ele está sem nada, aceita o que lhes oferecem, resolvendo isto de uma maneira imediatista". E continua afirmando que será às custas da destruição de seu território, da caça, da pesca, dos rios. "Ele não quer isso, mas às vezes ele simplesmente não escapa".

Isto tudo acontece, segundo Lux, em consequência do descaso do governo. Questões como saúde e educação deveriam ser de sua responsabilidade como a qualquer outro cidadão brasileiro, pois os índios o são plenamente. Comprar remédios, pagar professoras ou não ter educação nenhuma seriam alguns dos problemas que o Estado tem que resolver. O que acontece, porém, é que a demarcação se tornou a única questão. "depois eles que se virem". O ideal seria que se estruturasse um projeto, conceitual e prático, acompanhando a legalização da área. Esse programa teria como objetivo desenvolver economicamente essas sociedades, encontrando para os índios atividades alternativas, não predatórias e que lhes fossem rentáveis, satisfazendo suas necessidades básicas. "Pode-se fazer coletas de recursos naturais, como a castanha do Pará, a fim de serem comercializados", sugere Lux.

Este programa poderia ser elaborado numa esfera interdisciplinar, isto é, antropólogos acompanhados por engenheiros



florestais, agrônomos, biólogos, todos empenhados na procura das soluções ideais para a condição indígena. Tendo algum dinheiro, o índio não precisaria se submeter aos invasores, que não o fazem por estarem totalmente abandonados. Mas Lux lembra que o caso dos Yanomamis foi uma exceção, já que viviam isolados e não tinham condições de se defender, ficaram doentes, pois não eram imunizados. É o caso da invasão à total revelia dos índios.

## Impunidade

O descaso das entidades governamentais não se refere apenas ao cotidiano tribal. Lembrando do julgamento realizado há pouco pela morte do índio Marçal Souza, é nitida a alteração de ânimos da antropóloga, indignada com os massacres que sempre ocorrem e que nunca são punidos. Além do caso Marçal, houve inúmeras outras mortes. Deve-se frisar a total impunidade dos assassinos. "Ninguém foi preso, ninguém foi punido", lembra Lux. "Se ocorre ao contrário, morte do branco pelo índio, a justiça logo é feita", completa.

Entra aí outra luta dos índios, que deveriam ser indenizados por todos os danos causados.

Adriana Gonçalves

**Antropóloga Lux Vidal, que trabalha há 25 anos com diferentes aldeias, mostra as falhas da política indigenista brasileira e aponta algumas soluções**

# Os Guarani vivem n

...Separada da metrópole por apenas alguns buracos e lombadas. A televisão captada em português já cantam fluentemente os sucessos de Leandro e Leonardo. Vencida a

## JC na Aldeia

Acordamos antes do Sol. A USP era o ponto de partida. Próxima parada: Morro da Saudade. Muitas pedras, lombadas, buracos e lama no meio do caminho. O Chevette do fotógrafo foi castigado.

Entrada na aldeia. O cacique empunha um facão. Mim amigo! - pensamos. Estranhamos o silêncio, as poucas palavras, as vozes murmuradas. O jeito esquivo e tímido dos guarani só foi superado pelo cansaço. Brancos chegavam e saíam - professores, vendedores e até uma equipe da TV Cultura - mas nós permanecemos o dia todo. A pão e água, literalmente.

A chuva do fim de tarde aumentou a lama. Só quando a noite chegou, os índios quiseram ser fotografados. Parecia que a timidez tinha ido embora com o Sol.

Insolação nos rostos, dor nas pernas, estômago vazio. Chevette cheio. Quatro repórteres e um índio, alguns colares e machadinhas.

Os juruaí voltam para o barulho da cidade.



## Expediente

**Prof. responsável:** Dirceu F. Lopes

**Editora:** Patrícia Patrício

**Reportagens:** Alessandra Martins, Márcia Carini, Kiel Pimenta, Ricardo Vasconcelos, Patrícia Patrício, Adriana Gonçalves

**Fotos:** Denis Russo Burgierman, Mauricio Vismona Gibrin e Ricardo Vasconcelos

O motor barulhento do carro adentra os limites da reserva indígena. O fusca verde carrega bacias e tachos de ferro que Rosa, a mulher do cacique, se interessa em comprar. Mas os arcos e flechas seduzem o vendedor e ele acaba trocando suas mercadorias pelo artesanato da tribo.

E assim, de seus colares de contas e penas, machadinhas, cestos e chocalhos, vive o povo do Morro da Saudade, aldeia escondida no extremo sul de São Paulo. A vila mais próxima é Barragem, no distrito de Parelheiros, onde se compra a comida. Do outro lado está a represa Billings, onde se pesca o peixe poluído.

- Dá peixe! Dá peixe! - pede a criança em português. Mas na panela o óleo Liza frita o budiapê, massa de farinha de trigo, fubá, fermento Royal, água e sal. Ingredientes industriais para um povo de pouca cultura agrícola. No Morro da Saudade são pequenas as plantações de milho, batata e mandioca. Para beber, o chá. Mate Leão. Comprado na cidade, assim como a linguiça, temperos, açúcar. Até o pajé se rende às delícias da civilização: sorri discreto chupando um geladinho de groselha azul. Suco congelado no saquinho.

## Casa & cia.

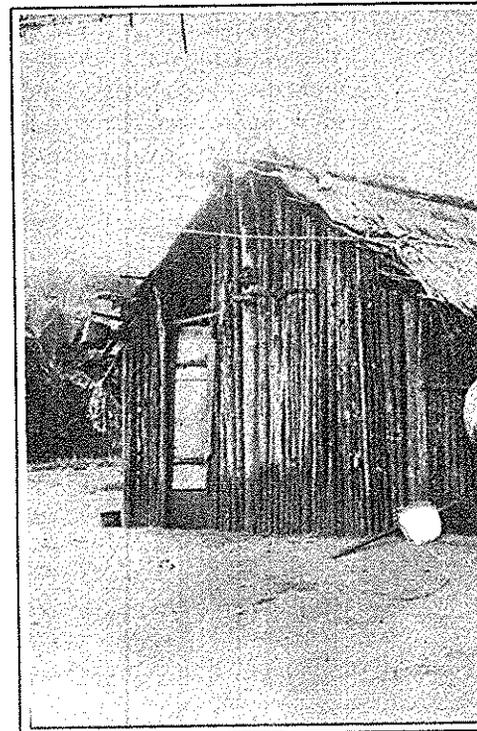
Com o balde na cabeça, a moça índia percorre a trilha no mato. O destino é o tanque. Cada mulher lava sua roupa, a do marido e do filho. São calças jeans, saias de popeline e vestidos de algodão. A moça bate cada peça, derrete o sabão Brilhante, enxágua, torce e leva para estender no varal. Depois vai descansar.

As casas da tribo são todas do mesmo tamanho. Cada índio pode escolher em que parte da aldeia quer morar com sua esposa. Escolhido o terreno começa a construção: paredes de barro e cobertura de sapé ou telhado. Então é só mobiliar os quatro por quatro metros de chão de terra

com a cama, igual a dos brancos, os banquinhos e a TV sobre a mesinha. O "guarda roupa" é uma prateleira dependurada.

## Curumin, os pequeninos

Onde quer que a vista alcance, estão as crianças. São 150 numa tribo de 220



habitantes. Carregam no colo os irmãos menores, revelam sob a camisa uma barriga inchada e sob o nariz escorrendo a boca que perde os dentes. Olham os juruaí (brancos) com curiosidade, espiam, logo se aproximam para ganhar amizade e um pedaço de pão.

Na terra batida, um menino desenha um ônibus. Carro grande, cheio de janelas. Depois pega o pau que serve de lápis e atira em um cachorro sarmento. Todos os cachorros são sarmentos, dormem muito, acordam para se coçar, latem pouco. Correm com os indiozinhos.

Depois das refeições, lentas e constantes, as meninas separam a louça para lavar. O Bombril ajuda na limpeza. Elas jogam copos e pratos na bacia e deixam tudo boiando ali, na água parada.

As crianças não nos contam seus segredos. Até os 5 anos elas só falam guarani. Depois vão aprendendo pouco a pouco o português com seus pais. Os índios acreditam que aprender a língua do dominador é uma forma de defesa e preservação.

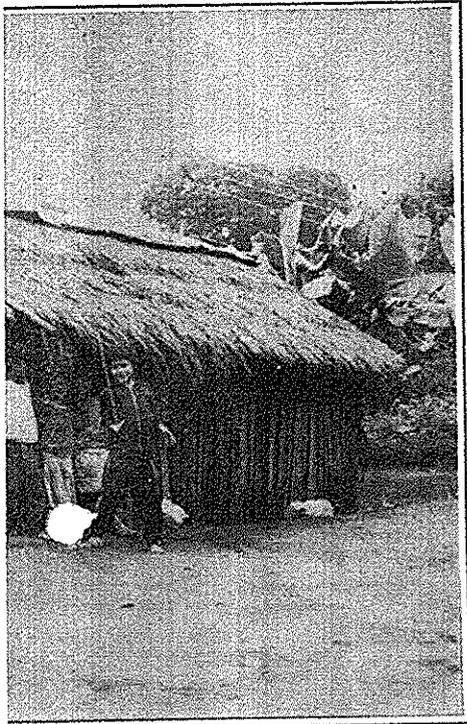
*Entre tapas e beijos é ódio, é desejo, é sonho, é ternura...*

Brincando de roda, o casal de crianças canta Leandro e Leonardo. As letras de música e nomes de novela são fáceis de decorar. O volume do rádio é alto, coletivizado, único som a quebrar o silêncio pétreo da aldeia. Os índios se comunicam a metros de distância em voz muito baixa.

# a Aldeia da Saudade

*a bem os sinais do Programa do Bolinha e da Xuxa. As crianças, antes de aprender timidez, os Guarani mostram seu dia: como dormem, comem, aprendem e vivem*

Fotos: Denis Russo Burgierman



quase imperceptível ao ouvido do branco. Aqui a música da Xuxa está errada: índio não fazer barulho.

Como o rádio, a TV também fica ligada o dia inteiro e está praticamente em todas as casas. Apenas três pessoas têm título de eleitor. Ninguém acredita em política, mas nem na hora da propaganda eleitoral a televisão é desligada.

No sábado, canal 13, TV Bandeirantes, Programa do Bolinha. Uns sentam nos bancos, outros na cama, todos ali na casa do cacique prestam atenção às imagens em preto e branco. Conversam sobre os cantores. Alguém fala que o Bolinha é gordo. Tudo é motivo para riso, inclusive o nome do cantor Jamelão. Vez em quando, uma briguinha de preferências: homens querem ver filmes, mulheres querem ver novelas. No fim tudo se ajusta. Há televisores suficientes para todos os gostos.

## Nem Marx, nem Engels: índios!

Entre os índios o socialismo existe. Desde pequenas, as crianças aprendem a dividir: brinquedos, comida, plantas, animais, tudo é coletivo. Não se passa fome se na casa do vizinho há alimento.

O dinheiro conseguido com a venda de artesanato serve para comprar comida e roupa, mas não há o culto à acumulação de riquezas, como estamos acostumados a ver nos brancos.

Não existe o empréstimo. Um dá ao

outro sem exigência de retorno. Retribuir é natural. Na cabeça do índio, o valor é mais utilitário que monetário. Uma banana é igual a um chocalho, que é igual a um pacote de fumo, que é igual a ...

Mas com o branco é diferente. Desde a colonização o índio aprendeu a ganhar presentes. O visitante que não lhe dá nada corre o risco de passar por inimigo.

## “Caçando Abelhinhas”

Os casamentos na tribo acontecem cedo. A idade do desejo é a idade da puberdade. Aos doze anos o jovem já pode estar preparado para se casar. Tereza tem 19 anos. Pedro, filho do pajé, 25. Os dois se casaram há sete meses e ela ainda não quis ter filhos. Os métodos anticoncepcionais são naturais.

O sexo não é tabu entre os índios. Pais e filhos dormem no mesmo quarto. Uma cama ao lado da outra. Quando o menino sente vontade de namorar, os mais velhos o mandam “caçar abelhinhas” com a moça amada. O casal vai para o mato ou para onde quiser e faz amor. Tudo é encarado com naturalidade pelos adultos e crianças que passam por perto.

Um ritual celebra o casamento. E se marido e mulher não estiverem se dando bem, podem se separar sem trauma.

Gravidez não implica união do casal. Nem tampouco a mãe solteira é discriminada. A filha do pajé tem filho e é solteira. E como diz Pedro, isso é encarado numa boa. “É apenas um indiozinho a mais”.

Márcia Carini  
Kiel Pimenta



Karai Mirin, professor e líder indígena

## Índios ganham quadro-negro

Está quase tudo pronto para começar a funcionar a primeira escola indígena do Brasil. No Morro da Saudade foram inaugurados em setembro de 1992 os prédios da escola e do Centro de Cultura Indígena Guarany Ambá-Arandu. O líder indígena Karai Mirim diz que a escola - que oferecerá o ensino primário - deve começar suas atividades ainda este mês.

O projeto da escola prevê apenas professores e alunos índios, e foge ao programa curricular oficial no Brasil. A alfabetização será bilingüe - em português e guarani - e terá disciplinas como ciências, história e geografia, educação artística, educação física e religião. A grande diferença com relação ao ensino tradicional é a abordagem das matérias: será levada em conta a cultura indígena em lugar da branca.

A princípio o Estado contestou a falta de formação pedagógica do índio para dar aulas, mas o projeto acabou sendo autorizado pelo Conselho Estadual de Educação. No planejamento anual de aulas, Karai Mirim sonha com 360 dias letivos. Ou seja, aula todos os dias, excetuando-se os feriados indígenas: em setembro, na abertura da primavera, há a passagem do ano (mbojapé), em outubro o ritual do mate, em janeiro a purificação (batismo) e em março o fechamento do verão com o ritual do mate. Mas para este ano, com o atraso do início das aulas, a previsão é de 181 dias letivos.

Os alunos serão divididos em três níveis: infantil, de 4 a 6 anos, intermediário, de 7 a 15, e adulto, maiores de 16 anos. Um convênio já foi firmado com a Secretaria Municipal de Educação, que deverá fornecer a merenda escolar. Porém, o início das aulas deve ser adiado, pois ainda não há professores acertados.

Já o Centro de Cultura Indígena Ambá-Arandu, que nasceu com a função de preservar e divulgar a cultura dos índios, possui algumas atividades. Nele funciona um grupo de teatro, que chegou a fazer apresentações no ano passado, e um atendimento de saúde à população do Morro.

O Centro foi erguido graças a um financiamento na Alemanha, onde o projeto piloto foi aprovado. Já a escola conseguiu um apoio de infra-estrutura da CONAE (Coordenadoria de Núcleos de Atividades Educativas), ligada à Secretaria Municipal de Educação.

# Tupã Jekupé

“Meu nome português é Olívio Zeferino. A tradução de meu nome indígena, Tupã Jekupé, é um segredo que trago comigo, algo que revela um traço importante da minha pessoa. Tive muitas dificuldades quando iniciei meus estudos na cultura branca. O primeiro grau foi meio absurdo, pensava duas vezes antes de entrar na aula. A causa indígena me animou a estudar e aceitar o ritmo de uma escola. Um livro de Filosofia me interessou muito nesta época, e, pela primeira vez, li Aristóteles, Sócrates e Platão. Eu gostei disso, gostava de pensar.

Em 88, cursando Filosofia pela PUC, comeci a brigar com a Funai pela causa do índio. Havia uma massa de exploradores que controlava os índios e não era justa com eles. Achei que quanto mais estudasse Filosofia, mais teria espírito crítico para enfrentar isso.

## Discriminação na USP

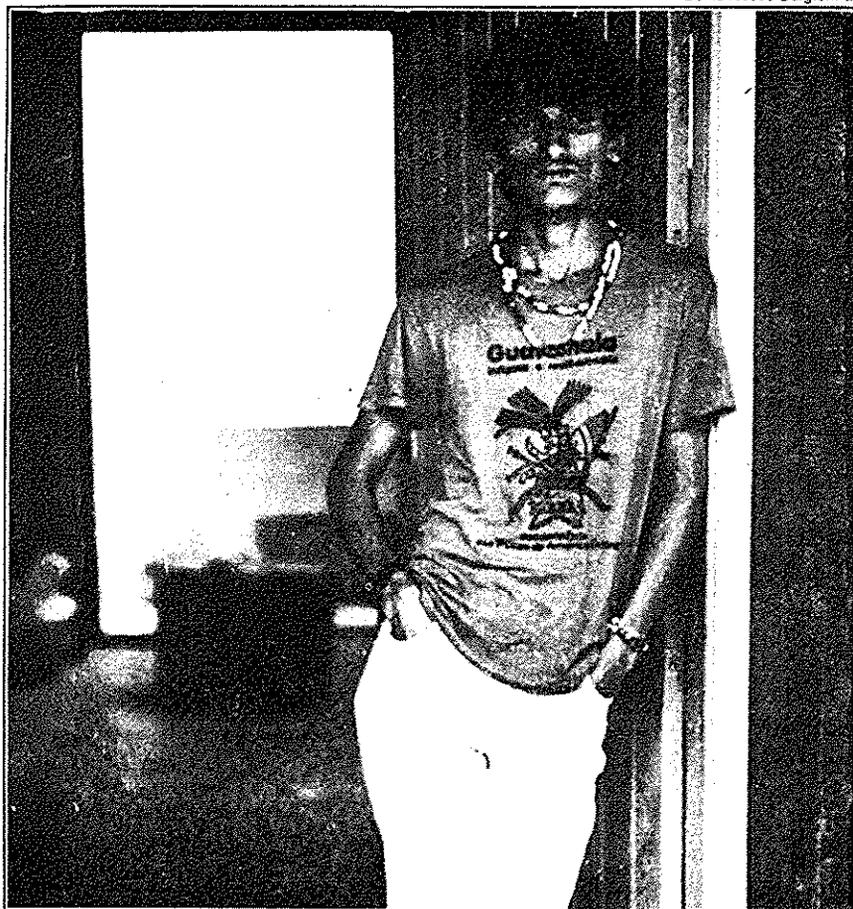
Existe discriminação na USP. As pessoas têm muitas dúvidas em relação a mim. No caso Paiakan, sofri bastante com comparações gerais. Muitos colegas de classe não conversam comigo, talvez, porque se sintam superiores. A discriminação às vezes é imediata, mas muda um pouco quando as pessoas descobrem que eu estou na USP. Aquela imagem de vagabundo desaparece.

## Antropólogos

A vida indígena é dialética. Nossa mentalidade muda e os antropólogos não entendem isso. Eles não aceitam o índio estudando, porque depois têm medo de críticas ao seu trabalho. Querem que os índios parem no tempo, não aceitam a evolução. Sem o índio exótico o antropólogo não tem felicidade.

Pretendo trabalhar com ensino. Passar o que aprendi e voltar a aprender com outros índios. Temos que vencer os desafios para estudar e ter acesso econômico às universidades. Sem o estudo, o índio sempre terá dificuldades para lutar, ele próprio, pelas suas causas dentro dos padrões brancos.

Ricardo Castanho de Vasconcelos



## Tempo que não volta mais

“Oh, Tupã, os meus antepassados, irmãos indígenas já foram tão felizes nesta terra querida, isto é, antes dos europeus terem aparecido por aqui.

Hoje está tudo acabado, em quase toda a América. Poucos índios existem, do jeito que está indo, logo não haverá mais nenhum...

Malditos, aos poucos, meus irmãos índios estão sumindo, e a culpa é de todos vocês... São gananciosos e querem ficar cada vez mais ricos.

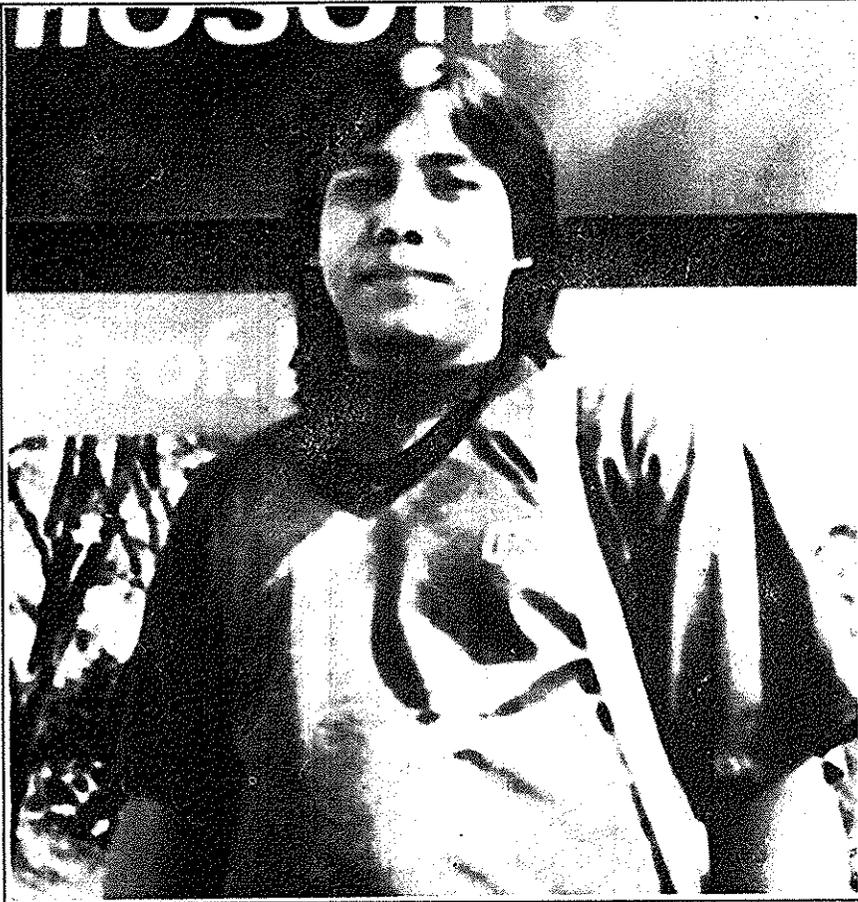
Nós queremos viver, só que, vocês estão impedindo. Oh, que bom, se vocês não fossem maus como são, tudo seria bem diferente”.

Olívio Zeferino da Silva (Tupã Jekupé)

**Olívio é guarani do Paraná, cursa Filosofia na USP e repele a idéia de miscigenação. Faz questão de se casar com uma índia. Abomina padres e antropólogos**

# Daniel Munduruku

Ricardo Vascelos



## Quem são os Munduruku

O povo Munduruku, uma sociedade de aproximadamente cinco mil pessoas, vive hoje em sua grande maioria, em uma área demarcada à margem direita do Alto Tapajós, no Sudoeste do Pará.

Os Munduruku têm mantido parte considerável de sua cultura nativa, apesar de mais de um século e meio de contato com a sociedade brasileira.

A língua Munduruku pertence ao tronco linguístico Tupi, é considerada pelo grupo talvez como o principal sinal de diferenciação em relação ao mundo dos brancos.

Todos falam Munduruku; a situação linguística é caracterizada pelo monolinguismo nativo (principalmente mulheres, crianças e adolescentes), fato este explicado pelo pouco contato com a sociedade envolvente, e bilinguismo parcial (especialmente homens que viveram o ciclo da borracha ou frequentam garimpos de "civilizados", e mulheres que estudaram na missão).

O grupo vive da caça, da coleta, da pesca e tem se caracterizado pelo desenvolvimento da agricultura e da criação de animais domésticos, bem como, atualmente, da exploração dos garimpos de ouro surgidos dentro da reserva.

A principal luta dos Munduruku é a definição, por parte do Governo Federal, da nova demarcação da área tradicionalmente ocupada pelo grupo. Além disso, há constante invasão por parte de garimpeiros da área Munduruku.

O problema de assistência de saúde também tem preocupado as lideranças que têm buscado apoio em várias entidades não-governamentais, a fim de resolver o dilema. Por outro lado, mais preocupante ainda é o sistema educacional. Embora haja a presença de educadores no local, falta a infraestrutura para reciclar esses monitores e oferecer uma educação condigna às crianças.

Daniel Munduruku

Meu nome português é Daniel, e eu sou um Munduruku. Não gosto de contar meu nome índio, então sou Daniel Munduruku.

Nasci numa aldeia no Pará e lá vivi até os cinco anos, quando fui para Belém com minha família. Comecei meus estudos e, em Manaus, cursei o colegial.

Quando fui para Lorena terminar o curso de Filosofia, comecei meu trabalho com a Pastoral do Menor. A partir daí minha consciência política e minha parte na luta pelos povos indígenas cresceu muito. Hoje, na pós-graduação, estudo meu próprio povo, ou seja, sou sujeito e objeto de pesquisa ao mesmo tempo.

Ser índio... ser índio é ter consciência da própria humanidade. Tento passar isso nas aulas. Eu deixo claro aos meus alunos que ser índio não é ser atrasado. Para muitos brancos, quando um índio estuda, ele não é mais índio. Isso porque acham que índio é nu, atrasado, burrinho e com um lindo cocar... Só que não é assim. Não é qualquer índio que usa cocar, porque cocar é símbolo de autoridade. Além disso, há algumas tribos que nem usam o cocar em sua cultura!

Quando se nasce índio, será sempre índio. Mesmo que eu use calça jeans continuo índio, da mesma maneira que um branco de cocar não é índio. Não é a roupa que faz o indivíduo.

Os povos indígenas querem sua auto-determinação, ou seja, ter sua terra, sua educação e sua independência. Isto falado pelo branco lembra assistencialismo, mas para o índio significa libertação.

Nosso objetivo é utilizar a arma que os brancos utilizaram para nos oprimir - a linguagem - não para a opressão, mas para fazer dela um bom uso.

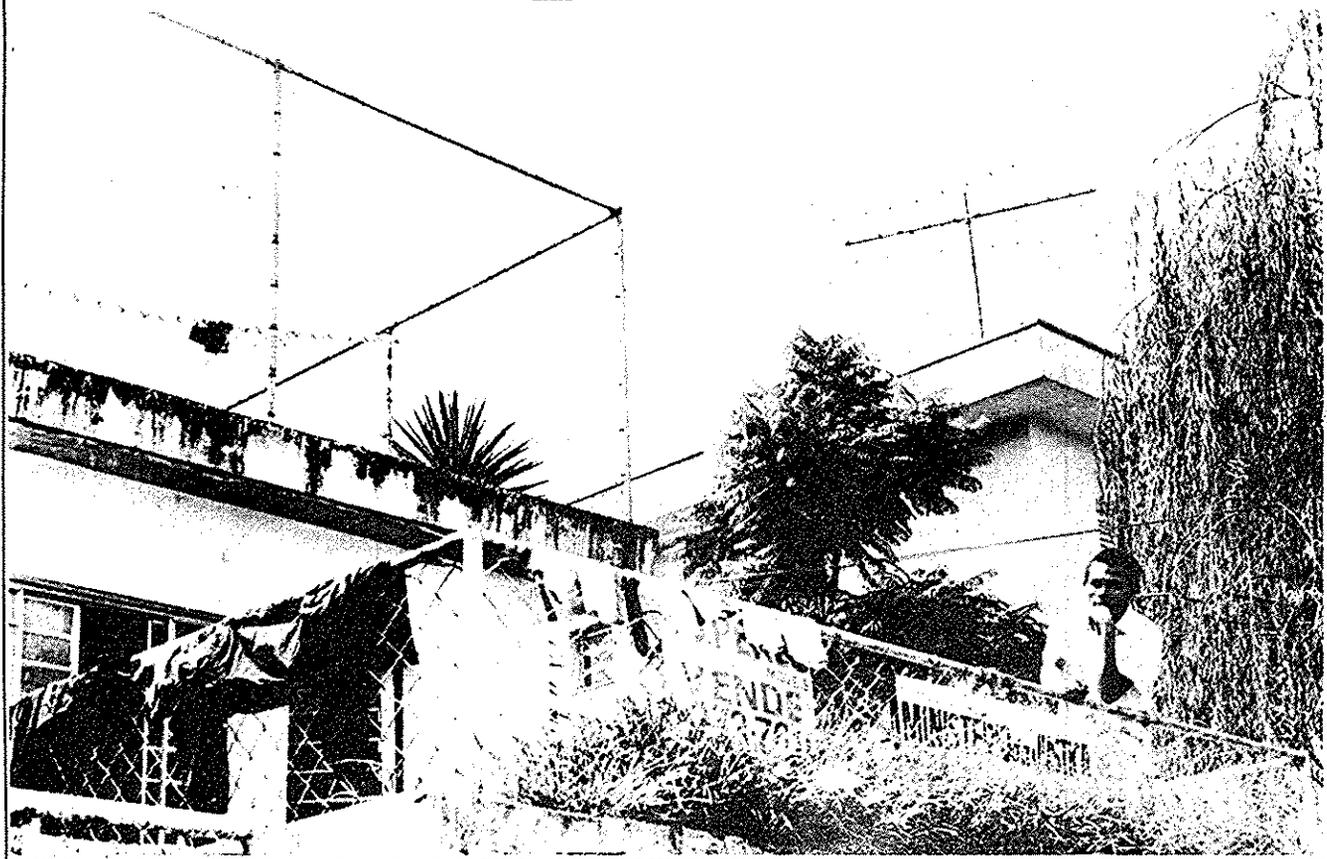
Infelizmente não temos chances de conseguir o que queremos no ANO INTERNACIONAL DO ÍNDIO - voltarmos a ser os donos da terra. Os posseiros também não respeitam a demarcação. Desse jeito, que esperança podemos ter num parlamentarismo? e nesse presidencialismo que está aí? Ah, quanto ao caciquismo... o caciquismo já existe. A Funai, por exemplo. É muito cacique para pouco índio.

Patrícia Patrício

**Daniel Munduruku veio do sudoeste do Pará, é casado com uma branca e tem uma filha, Gabriela. Estudou com os Salesianos e faz pós em Antropologia**

# Índio perde casa

A Funai não paga há um ano os aluguéis da Casa do Índio, que abriga Bororo, Guarani e Pataxó doentes. Eles poderão perder sua casa em São Paulo a partir de 19 de abril (Dia do Índio)



No Ano Internacional do Índio, a Funai tem poucos motivos para comemoração. A Casa do Índio, mantida pela Fundação, poderá ser fechada no dia 20 de abril. Um dia após o Dia do Índio. A Funai deve ao proprietário da casa 23 mil Ufir, cerca de 360 milhões de cruzeiros, devido a um ano de atraso dos aluguéis. A Fundação não tem como saldar a dívida e o proprietário da casa já ganhou a ação de despejo. E promete cumpri-la.

A Casa do Índio é um órgão responsável pelo alojamento e acompanhamento dos índios que vêm a São Paulo para tratamento de saúde. Geralmente são casos graves que exigem especialistas da capital.

Mas o trabalho da Casa do Índio não se resume a alojar os doentes: é preciso alimentá-los, comprar medicamentos, levá-los aos hospitais. Além disso, "é preciso fazê-los compreender a doença: já que eles têm um entendimento diferente das enfermidades", explica a assistente social da Funai, Sônia Zanelato. Para os índios, as doenças estão ligadas ao sobrenatural e ao meio ambiente.

## Não tinha teto, não tinha nada

O estado da Casa do Índio é alarmante: teto despencando, paredes sujas, pouquíssimos lençóis e roupas

de cama, banheiros precários e, para piorar, superlotação. A casa tem lugar para 12 pessoas mas abriga 37 índios.

Embora "mantida" pela Funai, a Casa do Índio sobrevive de doações e de verbas da Fundação Nacional da Saúde (o ex-Ministério da Saúde). Desde 91, o governo Collor "esfacelou" a Fundação: suas verbas foram facionadas entre os ministérios, que deveriam repassá-las à Funai. "Mas isso não aconteceu porque os ministérios já tinham repartido suas despesas", explica Sônia. Trocando em miúdos, a Funai perdeu sua autonomia financeira. "O ano de 92 foi crítico, mas 93 está sendo pior. Precisamos botar a boca no trombone".

## Proteção dos deuses

A Casa do Índio surgiu em 1975 e abriga, anualmente, cerca de 13 mil pessoas. A população é altamente rotativa e vem, na sua maioria, da Bahia, Xingu e Mato Grosso. Em 82, a Casa passou a se chamar Cesai (Centro Especial de Serviços Assistenciais ao Índio). Na pequena sala onde funciona o Serviço Social, bem no meio dos "hóspedes", as fotografias do Marechal Cândido Rondon e do índio Raoni parecem olhar pela Casa.

Alessandra Martins

## Funai

A Funai (Fundação Nacional do Índio) surgiu em 1967 substituindo o Serviço de Proteção ao Índio do Marechal Rondon. "Só mudou de nome", diz o guarani Olívio Zeferino da Silva. Mesmo com a participação, na entidade, de algumas lideranças indígenas, a maioria dos índios desconfia da Funai.

## Cimi

Falando em religião, chegamos ao Cimi (Conselho Indigenista Missionário), criado em 23 de abril de 1972 e é ligado à CNBB. O Cimi realiza um trabalho pastoral, de evangelização e produz um jornal mensal, o Porantim (em sateré-mawé, a palavra significa arma, memória). O Cimi não recebe fama de corrupto que tem a Funai, mas, por outro lado, faz oposição clara - sempre estampada no Porantim - ao líder Ailton Krenak e à UNI (União das Nações Indígenas)

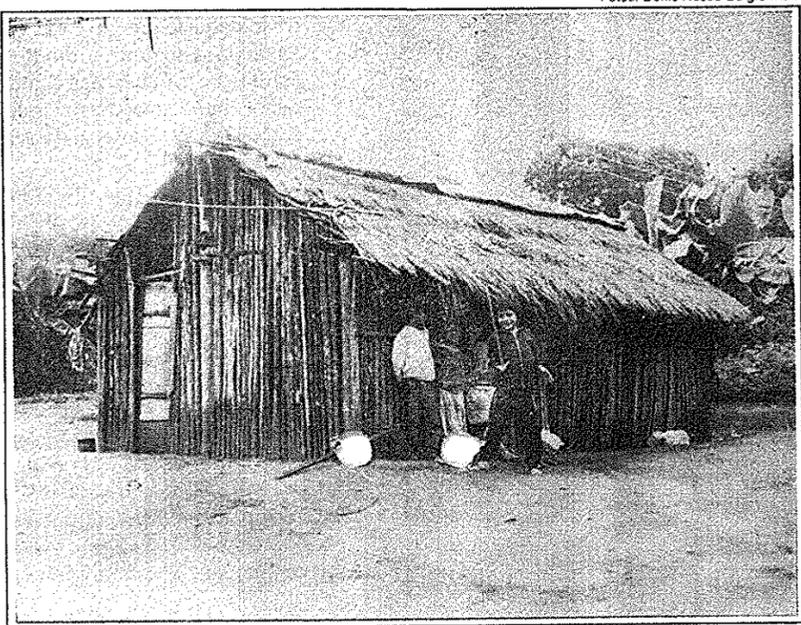
## UNI

A UNI nasceu em Campo Grande, num dia do Índio em 1980. Seu objetivo básico é a organização dos índios por si sós, sem assistencialismos - ou, comodizem, "sem manter a ideologia da necessidade, de que nós precisamos da Funai ou da Igreja". O primeiro presidente foi Domingos Verissimo, um Terena.

# Os Guarani vivem na Aldeia da Saudade

...Separada da metrópole por apenas alguns buracos e lombadas. A televisão capta bem os sinais do Programa do Bolinha e da Xuxa. As crianças, antes de aprender o português já cantam fluentemente os sucessos de Leandro e Leonardo. Vencida a timidez, os Guarani mostram seu dia: como dormem, comem, aprendem e vivem

Fotos: Denis Russo Burgierman



## JC na Aldeia

Acordamos antes do Sol. A USP era o ponto de partida. Próxima parada: Morro da Saudade. Muitas pedras, lombadas, buracos e lama no meio do caminho. O Chevette do fotógrafo foi castigado.

Entrada na aldeia. O cacique empunha um facão. Mim amigo! - pensamos. Estranhamos o silêncio, as poucas palavras, as vozes murmuradas. O jeito esquivo e tímido dos guarani só foi superado pelo cansaço. Brancos chegavam e saíam - professores, vendedores e até uma equipe da TV Cultura - mas nós permanecemos o dia todo. A pão e água, literalmente.

A chuva do fim de tarde aumentou a lama. Só quando a noite chegou, os índios quiseram ser fotografados. Parecia que a timidez tinha ido embora com o Sol.

Insolação nos rostos, dor nas pernas, estômago vazio, Chevette cheio. Quatro repórteres e um índio, alguns colares e machadinhas.

Os juruaí voltam para o barulho da cidade.

O motor barulhento do carro adentra os limites da reserva indígena. O fusca verde carrega bacias e tachos de ferro que Rosa, a mulher do cacique, se interessa em comprar. Mas os arcos e flechas seduzem o vendedor e ele acaba trocando suas mercadorias pelo artesanato da tribo.

E assim, de seus colares de contas e penas, machadinhas, cestos e chocalhos, vive o povo do Morro da Saudade, aldeia escondida no extremo sul de São Paulo. A vila mais próxima é Barragem, no distrito de Parelheiros, onde se compra a comida. Do outro lado está a represa Billings, onde se pesca o peixe poluído.

- Dá peixe! Dá peixe! - pede a criança em português. Mas na panela o óleo Liza frita o budiapé, massa de farinha de trigo, fubá, fermento Royal, água e sal. Ingredientes industriais para um povo de pouca cultura agrícola. No Morro da Saudade são pequenas as plantações de milho, batata e mandioca. Para beber, o chá. Mate Leão. Comprado na cidade, assim como a lingüiça, temperos, açúcar. Até o pajé se rende às delícias da civilização: sorri discreto chupando um geladinho de groselha azul. Suco congelado no saquinho.

## Casa & cia.

Com o balde na cabeça, a moça índia percorre a trilha no mato. O destino é o tanque. Cada mulher lava sua roupa, a do marido e do filho. São calças jeans, saias de popeline e vestidos de algodão. A moça bate cada peça, derrete o sabão Brilhante, enxágua, torce e leva para estender no varal. Depois vai descansar.

As casas da tribo são todas do mesmo tamanho. Cada índio pode escolher em que parte da aldeia quer morar com sua esposa. Escolhido o terreno começa a construção: paredes de barro e cobertura de sapé ou telhado. Então é só mobiliar os quatro por quatro metros de chão de terra

com a cama, igual a dos brancos, os banquinhos e a TV sobre a mesinha. O "guarda roupa" é uma prateleira dependurada.

## Curumin, os pequeninos

Onde quer que a vista alcance, estão as crianças. São 150 numa tribo de 220

habitantes. Carregam no colo os irmãos menores, revelam sob a camisa uma barriga inchada e sob o nariz escorrendo a boca que perde os dentes. Olham os juruaí (brancos) com curiosidade, espiam, logo se aproximam para ganhar amizade e um pedaço de pão.

Na terra batida, um menino desenha um ônibus. Carro grande, cheio de janelas. Depois pega o pau que serve de lápis e atira em um cachorro sarmento. Todos os cachorros são sarmentos, dormem muito, acordam para se coçar, latem pouco. Correm com os indiozinhos.

Depois das refeições, lentas e constantes, as meninas separam a louça para lavar. O Bombril ajuda na limpeza. Elas jogam copos e pratos na bacia e deixam tudo boiando ali, na água parada.

As crianças não nos contam seus segredos. Até os 5 anos elas só falam guarani. Depois vão aprendendo pouco a pouco o português com seus pais. Os índios acreditam que aprender a língua do dominador é uma forma de defesa e preservação.

Entre tapas e beijos é ódio, é desejo, é sonho, é ternura...

Brincando de roda, o casal de crianças canta Leandro e Leonardo. As letras de música e nomes de novela são fáceis de decorar. O volume do rádio é alto, coletivizado, único som a quebrar o silêncio pétreo da aldeia. Os índios se comunicam a metros de distância em voz muito baixa.

quase imperceptível ao ouvido do branco. Aqui a música da Xuxa está errada: índio não fazer barulho.

Como o rádio, a TV também fica ligada o dia inteiro e está praticamente em todas as casas. Apenas três pessoas têm título de eleitor. Ninguém acredita em política, mas nem na hora da propaganda eleitoral a televisão é desligada.

No sábado, canal 13, TV Bandeirantes, Programa do Bolinha. Uns sentam nos bancos, outros na cama, todos ali na casa do cacique prestam atenção às imagens em preto e branco. Conversam sobre os cantores. Alguém fala que o Bolinha é gordo. Tudo é motivo para riso, inclusive o nome do cantor Jamelão. Vez em quando, uma briguinta de preferências: homens querem ver filmes, mulheres querem ver novelas. No fim tudo se aceita. Há televisores suficientes para todos os gostos.

## Nem Marx, nem Engels: índios!

Entre os índios o socialismo existe. Desde pequenas, as crianças aprendem a dividir: brinquedos, comida, plantas, animais, tudo é coletivo. Não se passa fome se na casa do vizinho há alimento.

O dinheiro conseguido com a venda de artesanato serve para comprar comida e roupa, mas não há o culto à acumulação de riquezas, como estamos acostumados a ver nos brancos.

Não existe o empréstimo. Um dá ao

outro sem exigência de retorno. Retribuir é natural. Na cabeça do índio, o valor é mais utilitário que monetário. Uma banana é igual a um chocalho, que é igual a um pacote de fumo, que é igual a ...

Mas com o branco é diferente. Desde a colonização o índio aprendeu a ganhar presentes. O visitante que não lhe dá nada corre o risco de passar por inimigo.

## "Caçando Abelhinhas"

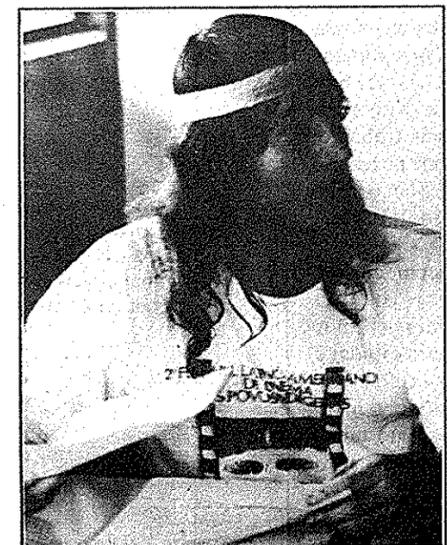
Os casamentos na tribo acontecem cedo. A idade do desejo é a idade da puberdade. Aos doze anos o jovem já pode estar preparado para se casar. Tereza tem 19 anos, Pedro, filho do pajé, 25. Os dois se casaram há sete meses e ela ainda não quis ter filhos. Os métodos anticoncepcionais são naturais.

O sexo não é tabu entre os índios. Pais e filhos dormem no mesmo quarto. Uma cama ao lado da outra. Quando o menino sente vontade de namorar, os mais velhos o mandam "caçar abelhinhas" com a moça amada. O casal vai para o mato ou para onde quiser e faz amor. Tudo é encarado com naturalidade pelos adultos e crianças que passam por perto.

Um ritual celebra o casamento. E se marido e mulher não estiverem se dando bem, podem se separar sem trauma.

Gravidez não implica união do casal. Nem tampouco a mãe solteira é discriminada. A filha do pajé tem filho e é solteira. E como diz Pedro, isso é encarado numa boa. "É apenas um indiozinho a mais".

Márcia Carini  
Kiel Pimenta



Karai Mirin, professor e líder indígena

## Índios ganham quadro-negro

Está quase tudo pronto para começar a funcionar a primeira escola indígena do Brasil. No Morro da Saudade foram inaugurados em setembro de 1992 os prédios da escola e do Centro de Cultura Indígena Guarany Ambá-Arandu. O líder indígena Karai Mirim diz que a escola - que oferecerá o ensino primário - deve começar suas atividades ainda este mês.

O projeto da escola prevê apenas professores e alunos índios, e foge ao programa curricular oficial no Brasil. A alfabetização será bilíngüe - em português e guarani - e terá disciplinas como ciências, história e geografia, educação artística, educação física e religião. A grande diferença com relação ao ensino tradicional é a abordagem das matérias: será levada em conta a cultura indígena em lugar da branca.

A princípio o Estado contestou a falta de formação pedagógica do índio para dar aulas, mas o projeto acabou sendo autorizado pelo Conselho Estadual de Educação. No planejamento anual de aulas, Karai Mirim sonha com 360 dias letivos. Ou seja, aula todos os dias, excetuando-se os feriados indígenas: em setembro, na abertura da primavera, há a passagem do ano (mbojapé), em outubro o ritual do mate, em janeiro a purificação (batismo) e em março o fechamento do verão com o ritual do mate. Mas para este ano, com o atraso do início das aulas, a previsão é de 181 dias letivos.

Os alunos serão divididos em três níveis: infantil, de 4 a 6 anos, intermediário, de 7 a 15, e adulto, maiores de 16 anos. Um convênio já foi firmado com a Secretaria Municipal de Educação, que deverá fornecer a merenda escolar. Porém, o início das aulas deve ser adiado, pois ainda não há professores acertados.

Já o Centro de Cultura Indígena Ambá-Arandu, que nasceu com a função de preservar e divulgar a cultura dos índios, possui algumas atividades. Nele funciona um grupo de teatro, que chegou a fazer apresentações no ano passado, e um atendimento de saúde à população do Morro.

O Centro foi erguido graças a um financiamento na Alemanha, onde o projeto piloto foi aprovado. Já a escola conseguiu um apoio de infra-estrutura da CONAE (Coordenadoria de Núcleos de Atividades Educativas), ligada à Secretaria Municipal de Educação.



## Expediente

Prof. responsável: Dirceu F. Lopes  
Editora: Patrícia Patrício  
Reportagens: Alessandra Martins, Márcia Carini, Kiel Pimenta, Ricardo Vasconcelos  
Patrícia Patrício, Adriana Gonçalves  
Fotos: Denis Russo Burgierman, Maurício Vismona Gibrin e Ricardo Vasconcelos